

TRIVIAL VARIADO

Antes de mais nada, vamos entrar em um acôrdo: quando eu escrever sôbre o movimento que derrubou o Govêrno Goulart não direi *quartelada* nem *Revolução*. Direi simplesmente *revolução*. Não no sentido sociológico, mas no sentido comum da língua portuguesa, que é bem mais antiga que a Sociologia: sublevação, revolta, mudança violenta de Govêrno.

Pôsto isto, eu lhe respondo, minha senhora: não, eu não sou contra a revolução. Não conspirei nem resisti: acompanhei as coisas pelo rádio e pela televisão, nada mais. Se a senhora fizer questão de saber minha opinião, aqui lhe digo: acho que a revolução foi um mal menor e, como já escrevi alhures, uma fatalidade criada pelo próprio Govêrno Goulart. O aventureirismo frenético a que se entregara êsse Govêrno em seus últimos tempos não me parece que pudesse conduzir a nada de bom — nem mesmo do ponto-de-vista dos ideais por êle proclamados. O que eu mais temia foi evitado: uma guerra civil, que com certeza implicaria em intervenção estrangeira.

Em todo caso a verdade é esta: como eu não exercia nenhum cargo público nem estava escrevendo em jornal nenhum, não tomei atitude alguma. Exatamente como aconteceu a muitos outros milhões de cidadãos. Posso dizer ainda que vi com simpatia e esperança a escolha do Marechal Castelo Branco para a presidência, pois achava e acho que daqueles possíveis êle era o melhor.

A senhora não vai querer, porém, que eu aprove erros e tolices como a cassação dos direitos políticos de Jânio Quadros, ou de homens como Celso Furtado e Anísio Teixeira.

Apontarei aqui erros assim e muitos outros, e elogiarei o que me parecer certo, com a maior tranqüilidade e isenção de ânimo. Está satisfeita, minha senhora? Agora, uma coisa: comunista é a vó.

Notícia

O Governador Ademar de Barros telefonou a um amigo do Rio. A certa altura o amigo perguntou:

— Como vai o Kruel?

Resposta:

— O alemão está com a môsca azul.

Rio antigo

Foi levada ao Governador Carlos Lacerda uma idéia que, bem executada, será o fino. O Governo escolheria uma pequena zona no centro da Cidade — ali por trás da Lapa, ou quem sabe, na Praça Santo Cristo. Entraria em acôrdo com os moradores e daria tôdas as facilidades para a instalação de restaurantes típicos, *ateliers* para artistas e artesãos, casas de samba, lojas de arte popular e antiguidades brasileiras. Decoração e trajes do Rio antigo, sessões de capoeira e lundu, pratos e gulodices de vários Estados do Brasil. Isso tudo, naturalmente, para o Quarto Centenário. A idéia é de Teresa Martins de Melo, môça culta e viajada que viu coisas parecidas em Bruxelas, Strasburgo e não sei mais onde.

O açúcar

Minha empregada hoje comprou açúcar a 190 cruzeiros o quilo. Custava 140 antes da escamoteação e das filas.

Um amigo meu explica a alta do açúcar assim: o exportador do produto recebia 600 cruzeiros por dólar, o resto ficava com o Banco do Brasil. O lucro do usineiro era mais ou menos o mesmo, vendendo o açúcar no Brasil, ou exportando; quando o açúcar passou para o câmbio livre (1 200 a 1 300 cruzeiros o dólar) todo mundo tratou de tirar o açúcar da oferta interna para exportá-lo. Resultado: o açúcar sumiu do comércio, o preço internacional caiu devido à grande oferta, o povo sofreu e o usineiro ganhou muito mais. No Brasil o Estado também é usineiro e por sinal isso mostra que o negócio não é mau: as Usinas Nacionais tiveram um lucro superior a um bilhão no ano passado.

Não sei se a explicação é certa; mas que o preço aqui em Ipanema aumentou, isso eu garanto. E meu amigo diz que ainda vai aumentar mais.

9. 7. 64